

OS DILEMAS VIVIDOS POR PROFESSORES EVENTUAIS DE MATEMÁTICA

DILEMMAS FACED BY EVENTUAL MATHEMATICS TEACHER

Cármem Lúcia Brancaglioni PASSOS¹
Fernanda MIGLIORANÇA²
Jean Piton GONÇALVES³
Edgar dos Santos GOMES⁴
Vanessa de Paula BRASIL⁵
Tatiane DÉCHEN⁶

RESUMO

O presente texto busca caracterizar os professores de Matemática que atuam como eventuais nas escolas públicas de algumas cidades do estado de São Paulo. Esses professores, formados, em sua maioria, em Matemática, possuem e enfrentam dilemas na prática em sala de aula. Buscamos neste trabalho conhecer esses dilemas para entender os processos por que passam os professores, em início de carreira, ou não, já que constatamos que vários professores já atuam há muitos anos como eventual. Percebe-se que, mesmo diante das diversidades, os professores eventuais procuram desenvolver esquemas práticos para que sua atuação seja importante para os alunos. Por outro lado, faz-se necessário questionarmos a quem interessa a permanência das atuais condições de trabalho do professor eventual.

Palavras-chave: *Formação de Professores de Matemática; Professor Eventual; Educação Matemática.*

ABSTRACT

The present text searches to characterize Mathematics eventual teachers who work occasionally in public schools of some cities of São Paulo state. These teachers, most of them graduated in Mathematics, face dilemmas in classroom practice. We search in this work to know these dilemmas to understand the processes through which these teachers pass, either at the beginning of their career,

⁽¹⁾ UFSCar/DME – carmen@power.ufscar.br

⁽²⁾ UFSCar/PPGE – fmiglioranca@bol.com.br

⁽³⁾ UFSCAR/DM – jpiton@dm.ufscar.br

⁽⁴⁾ UFSCar/DME – omegagomes@bol.com.br

⁽⁵⁾ UFSCar/DME – vpbrasil@yahoo.com.br

⁽⁶⁾ UFSCar/DME – tati_dechen@yahoo.com.br

either after many years of teaching, as we verify that several teachers work during many years as eventual ones. It can be seen that, even in face of diversity, eventual teachers look for developing practical skills, so that their performance can be important for the students. On the other hand, it is necessary that we discuss to whom the permanence of the current work conditions of the eventual teacher is of interest.

Key words: *Mathematics Teachers Graduation; Eventual Teacher; Mathematics Education.*

Professores eventuais no contexto escolar

Ser professor atualmente tem sido um grande desafio, principalmente para os professores em início de carreira, que ministram aulas na condição de professor substituto, que no Estado de São Paulo são denominados de professores *eventuais*. Professores *eventuais* são aqueles que não possuem vínculo com a escola, mas ficam à disposição dela, aguardando a ausência de um professor efetivo.

Ultimamente, tem sido demasiado grande a carga de exigências sofrida pelos professores que atuam regularmente nas escolas, em especial nas escolas públicas. Espera-se desses professores novos saberes e competências que venham atender às necessidades da sociedade atual, deparando-se com o desafio de ensinar de uma forma diferente daquela concebida em sua formação acadêmica ou mesmo escolar.

Quando se trata do professor *eventual*, o dilema aumenta. Além dele se deparar, a cada dia, com turmas e séries distintas, não é raro que seja requisitado a ensinar conteúdos de disciplinas que não são de sua formação. Aliado a esse problema, os educadores também enfrentam:

[uma] crescente preocupação mundial com o aparente desinteresse de muitos jovens em relação à sua vida escolar e com os riscos que, cada vez mais, encontram em suas vidas, drogas, abuso ou negligência familiar, medo, violência, suicídio, alienação,

consumismo e perda de propósito e direção (HARGREAVES, 2002, p.viii).

O estudo sobre como os professores de Matemática do Estado de São Paulo percebem e enfrentam os desafios atuais da profissão docente nas escolas, desenvolvido pelo Grupo GEPFPM da FE/Unicamp⁷, revelou que os professores brasileiros vêm sentindo o impacto das reformas impostas desde a promulgação da Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e sua implementação pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) nos últimos oito anos que, de certa forma, atendem à política do Banco Mundial. Os autores destacam como os principais itens da reforma: o currículo nacional (Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN); Programa Nacional do Livro Didático; e o programa de avaliação nacional – provas do SAEB e ENEM⁸.

Inspirado por esse estudo, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática – GEM – da UFSCar, realizou uma pesquisa junto a professores *eventuais* de Matemática, procurando entender como eles têm enfrentado essa situação no dia-a-dia de sua prática docente.

Elaboramos um questionário composto por três partes: a primeira tinha como objetivo identificar a formação do professor; a segunda referia-se a sua atuação profissional, e a terceira, com oito questões abertas, visava compreender as condições de ensino pelas quais o professor *eventual* de Matemática vem passando e a forma com que enfrenta as dificuldades vividas.

Os membros do GEM distribuíram, aleatoriamente, cerca de 50 questionários junto

⁽⁷⁾ O GEPFPM – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação de Professores de Matemática é um subgrupo do PRAPEM/CEMPEM (Prática Pedagógica em Matemática / Círculo de Estudo, Pesquisa em Educação Matemática) da Faculdade de Educação da Unicamp.

⁽⁸⁾ SAEB: Sistema de Avaliação da Educação Básica; ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio.

às escolas estaduais que tinham professores *eventuais* atuando na disciplina de Matemática nas cidades de São Carlos, Santa Bárbara D'Oeste, Campinas e Santa Cruz das Palmeiras. As cidades foram escolhidas pela facilidade de acesso que os membros do grupo tinham, por residirem nelas. Obtivemos retorno de apenas 19 questionários. Acreditamos que nem todos os professores devolveram o questionário, porque os mesmos foram entregues no final do ano letivo de 2003, momento em que os professores, em sua maioria, estão com uma carga intensa de trabalho, e também exaustos.

Dentre os 19 professores, somente uma professora não possui formação em Matemática, mas sim em Psicologia. Iniciamos o questionário pretendendo saber qual a idade do professores eventuais. Uma informação importante, pois geralmente, esses professores são caracterizados por serem jovens que acabaram de se formar, ou ainda não se formaram, sendo estudantes de cursos de licenciatura. As idades dos professores pesquisados estão entre 22 e 56 anos, sendo que a maior concentração é entre 22 e 23 anos, correspondendo a 31,5% dos professores pesquisados. O restante das idades dos professores está diversificado entre o intervalo de 24 a 56 anos. Ressaltamos também em nossa pesquisa que a maioria dos professores é de mulheres, correspondendo a 74%.

Sobre a formação desses professores, há nove (47,3%) que estão cursando a graduação, seis (31,5%) que se formaram em 2003 e o restante dos professores (21,2%) se formou entre 1972 e 2002. Um dos professores, além da Licenciatura em Matemática, possui formação em Pedagogia. Cinco (26,4%) professores são formados, ou estão se formando em universidade

pública. Ainda sobre a formação, três professores (15,8%) possuem curso de especialização, dois em Matemática e um em Educação Especial.

Quando questionamos o tempo de atuação como professor *eventual*, há uma variação entre 1 e 6 anos de carreira. Três professores (15,7%) atuam há 1 ano; quatro (21,1%) há 2 anos; cinco (26,4%) atuam há 3 anos; quatro (21,1%) há 4 anos e três (15,7%) atuam entre 5 e 6 anos.

Os professores possuem cadastros em várias escolas ao mesmo tempo, podendo, dessa forma, assumir aulas como professores substitutos em diferentes escolas em uma mesma semana, ou até em um mesmo dia. Quanto à atuação nas escolas em que estão cadastrados, 16 professores *eventuais* (84,2%) afirmaram lecionar todas as semanas, e entre esses, 12 (63,2%) lecionam todos os dias e três (15,7%) lecionam, no que denominam de "dias alternados". Um professor (5,2%) leciona apenas nas aulas de reforço e recuperação, outro relatou lecionar o ano todo. Dessa forma, não podemos classificá-los em nenhuma das categorias, já que não podemos afirmar sua frequência semanal na escola.

Apenas dois professores responderam que só atuam no Ensino Fundamental, quatro somente no Ensino Médio e os demais nos dois níveis. A maioria desses professores assinala uma preferência em atuar no Ensino Médio, devido ao fato dos alunos serem mais velhos.

Questionamos também o relacionamento dos professores com a direção da escola, com a coordenação pedagógica, com os demais professores e com os alunos. O quadro a seguir mostra como os professores pesquisados classificaram esse relacionamento.

Quadro 1. Relacionamento entre os professores eventuais e agentes educacionais.

	Direção	Outros Professores	Coordenação	Alunos
Ótimo	21%	21%	21%	21%
Muito Bom	10,5%	10,5%	10,5%	0%
Bom	57,9%	57,9%	52,6%	47,4%
Regular	5,3%	5,3%	5,3%	15,8%
Outros	5,3%	5,3%	10,5%	15,8%

Classificamos na categoria **outros**, respostas diferentes às indicadas no quadro 1. Dentro dessa categoria encontramos respostas do tipo: “*não há contato*”, referindo-se à direção e à coordenação. Fazendo referência aos alunos, obtivemos respostas como: “*difícil*”, “*controlável*”, “*hostilidade*”. Com relação aos outros professores uma das respostas fez referência à variância: “*às vezes hostil, às vezes bom*”.

Nos interessamos em saber também se esses professores possuem outra ocupação profissional. Três professores afirmam trabalhar em outra atividade, além do magistério: um é empresário, outro trabalha com vendas e outro é atleta de *triathlon*, os demais responderam que não exercem outro trabalho. Também há uma professora que afirmou ser professora estadual aposentada.

Com relação à terceira parte do questionário, referente às condições de ensino que os professores *eventuais* de Matemática enfrentam no dia-a-dia, buscamos aportes teóricos nos estudos de Hargreaves (1998, 2002), Garcia Blanco (2003) e Fiorentini *et al* (2003). Nesse sentido, estaremos descrevendo e discutindo, a seguir, as condições de trabalho desses professores, ressaltando as principais dificuldades e dilemas enfrentados por eles na ação pedagógica e também a respeito da forma com que eles se preparam para as aulas.

Análise das condições de ensino enfrentadas

Segundo os questionários, percebe-se que a maioria dos professores pesquisados não se sente à vontade para ministrar conteúdos escolares que não sejam de sua formação. Porém, quatro deles destacam que o fato de trabalharem com disciplinas diferentes faz com que conheçam um pouco a respeito delas. Por outro lado, uma professora ressalta que quando não conhece o conteúdo que deverá trabalhar ou quando o professor da turma não deixa material para que

seja trabalhado com os alunos; ela consegue uma aproximação com eles, consegue estabelecer uma certa “amizade” que lhe permite abordar temas que sejam de interesse deles, e assim, segundo ela, estaria trabalhando com os temas transversais. Embora o trabalho com temas transversais, como propostos no PCN, não tenha essa concepção, observa-se que essa estratégia pode, de certo modo, comprometer o desenvolvimento curricular.

O fato dos professores pesquisados terem que trabalhar em várias escolas também não parece ser um problema para eles. Fazendo referências a Lave e Wenge (1991), Garcia Blanco (2003, p.68) diz que entender aprendizagem (da função docente) como “*participação periférica legítima*” em “*comunidades de prática significa sustentar a idéia de que os aprendizes, além dos conhecimentos e destrezas que necessitam para poder chegar a ser participantes plenos das práticas sócio-culturais da comunidade, devem participar em comunidades profissionais*”.

Para a maioria dos professores⁹ o que mais lhe agrada é poder trabalhar o conteúdo de Matemática de forma com que os alunos compreendam, e sintam que a aula dada foi importante para eles:

“Quando os alunos não entendem a explicação ou estão com dúvida e na minha aula esses problemas são solucionados” (P5).

“... me agrada, quando os alunos vêm me falar que foram bem na prova porque na aula que eu dei, eles entenderam a matéria” (P6).

A maior insatisfação dos professores é, sem dúvida, quanto a falta de interesse e a desmotivação dos alunos e também o desrespeito, por parte deles, ao professor *eventual*. Afirmam sentir uma desvalorização, enquanto professor *eventual*, tanto por parte dos alunos quanto de alguns professores que trabalham efetivamente nas escolas em que eles atuam como substitutos. A falta de oportunidade ao

⁽⁹⁾ A identificação dos professores foi feita por P seguido do número atribuído ao questionário respondido.

professor em início de carreira também é um item que incomoda o professor *eventual*.

“Ter que manter alunos indisciplinados em sala de aula e fingir que está tudo bem, mesmo sabendo que você está sendo prejudicado no andamento dos trabalhos” (P3).

Gonçalves e Gomes (2001) perceberam que existem duas perspectivas de visão do professor *eventual* frente aos alunos: a primeira é que os alunos podem aprender assuntos diferentes, ou seja, *“...uma aula diferente e até menos cansativa às vezes ... muito bom para tirar nossas dúvidas em qualquer matéria que tivéssemos dificuldade em entender...”* dizem os alunos. Os autores acreditam que alguns alunos vêem este tipo de profissional como uma verdadeira enciclopédia, porque, um professor *eventual* pode ministrar qualquer disciplina escolar. Na segunda visão, na perspectiva dos alunos, o professor *eventual* não teria que ministrar aulas, ou ainda, eles vêem a aula deste professor como um momento de diversão e/ou de descanso, depois de uma longa jornada de trabalho. Um exemplo disso foi a resposta apresentada por um aluno para a questão da necessidade de ter esse profissional na escola: *“não [há necessidade], nós do noturno trabalhamos o dia inteiro e quando podemos ir embora mais cedo, o eventual chega para dar aula!”* Possivelmente o desrespeito em relação ao professor *eventual* seja consequência desse tipo de pensamento.

Os professores *eventuais* não pertencem à comunidade escolar, eles são chamados com o único objetivo de ocupar um espaço em sala de aula que deverá ser computado como aula dada, evitando assim que haja descumprimento dos dias letivos previstos. O processo de chegar a pertencer a essa comunidade deveria ser revisto. Deveriam ser criados meios e oportunidades para que esses professores integrassem a comunidade escolar.

O fato deles não conseguirem que os alunos compreendam aquilo que se propuseram a ensinar também é citado como um fator que os incomoda.

A instabilidade funcional também é citada pelos professores: o não saber, se terão aulas suficientes para obter um salário razoável, não permite que eles possam ter alguma perspectiva futura. Isso explica o fato de, dos 10 professores formados, 4 possuírem outra renda.

De modo geral o que os professores pesquisados consideram como o grande desafio em ser professor *eventual* é conseguir o respeito e atenção dos alunos para suas aulas. Um dos professores relata que é difícil conquistar a atenção dos alunos diante das trocas de disciplinas que eles realizam. Além disso, o fato deles não saberem em que turmas irão atuar, muitas vezes não preparam as aulas, e por não dominarem todos os assuntos, sentem-se inseguros na sala de aula, o que é percebido pelos alunos, gerando assim desrespeito ao profissional.

Em relação às condições enfrentadas nas escolas, os professores pesquisados citam que estas dependem da forma com que a direção, a coordenação e o professor da classe agem perante o trabalho desenvolvido por eles. De modo geral, o professor da classe desconsidera o trabalho desenvolvido pelo professor *eventual*, o que faz com que os alunos também o desconsiderem:

“Tudo vai depender do apoio que eu tenho da direção/coordenação/professor da escolar. Quando todos trabalham juntos, apoiando as mesmas idéias e decisões, eu não tenho do que reclamar. As condições são boas. E o grande desafio é mesmo o inesperado e a reação dos alunos. Se o professor da sala te respeita, os alunos irão te respeitar, caso contrário...” (P16).

O desinteresse geral dos alunos também é um ponto destacado na pesquisa desenvolvida por Fiorentini *et al.* Segundo os pesquisadores:

Os interesses dos adolescentes refletem as transformações sociais e econômicas que o mundo vem vivendo. A sociedade tecnológica lhes impõe novos hábitos: os jogos eletrônicos, a mídia com suas imagens instantâneas, a Internet, dentre outros, trazendo satisfações imediatas a seus desejos e anseios. Aliado a

isso, para muitos deles, a família deixou de ser o ponto de referência. Em muitos casos, o único objetivo de vida familiar é a própria sobrevivência diária e imediata. Não há mais projetos a longo prazo e a individualidade muitas vezes impera (2003, p. 9).

Têm sido exigidas, do professor *eventual*, competências para as quais ele não está preparado, pois sua formação inicial não lhe deu. Além de ministrar competentemente o conteúdo de sua disciplina (ou de outras para a qual não tem formação), ele tem o desafio de transformar o interesse do aluno. A nossa prática docente, tanto na supervisão de estágios para licenciandos de Matemática quanto na atuação nas escolas da Educação Básica, tem revelado que a educação escolar deixou de ser essencial. Segundo Hargreaves, o conhecimento parece efêmero:

a ciência já não parece ser capaz de mostrar como viver, pelo menos com alguma certeza ou estabilidade. Nas sociedades pós-modernas, a dúvida é permanente, a tradição está em retirada e as certezas morais e científicas perderam sua credibilidade (1998, p. 64).

Os problemas enfrentados

Um dos principais problemas enfrentados pelos professores *eventuais* pesquisados recaem novamente na necessidade que eles têm em trabalhar com diferentes áreas do conhecimento e a falta de tempo em preparar as aulas que deverão ministrar:

“(...) não saber todas as áreas e não ter tempo de estudar ou preparar aulas. Não estou fazendo nada para resolver... quando estou dando aulas fixas, estudo a matéria antes, faço bastante exercícios...” (P1)

“Tenho procurado deixar livros de várias disciplinas separados, e quando chamam para uma aula que não é de Matemática, vejo no caderno dos alunos onde pararam e tento dar um prosseguimento. Mas isso às vezes é muito complicado” (P6)

Tentando minimizar essa problemática, e também uma certa desconsideração dos professores que atuam regularmente nas turmas, os professores *eventuais* procuram estratégias para que suas aulas tenham importância e sejam de fato aproveitadas pelos alunos:

“A não valorização é um grande problema. Dou aula normal. Sigo o conteúdo dado pelo professor, não fico sem fazer nada. Mostro para quem quiser ver que sou tão bom (e às vezes até melhor) quanto o professor da turma” (P16).

*“É que nem sempre o professor da classe considera o que o professor *eventual* passa para os alunos. Isso dificulta nosso trabalho, pois ele [o aluno] sabe que não lhe será cobrada essa aula. Procuo conversar com os alunos, quando possível, para convencê-los de que tudo é muito importante para sua vida escolar, mesmo as aulas do professor *eventual*”* (P19).

*“Professor *eventual* geralmente não tem crédito dos alunos, daí a falta de respeito, interesse; acham que Matemática não serve para nada... Procuo colocar situações-problema que fazem com que os alunos percebam que a Matemática está diretamente ligada ao nosso dia-a-dia”* (P7).

Podemos perceber que os professores pesquisados não estão preparados para enfrentar essa realidade, e por isso não é surpresa o sentimento de desânimo que experimentam quando não conseguem interessar aos alunos, que na maioria dos casos, necessitam de atenção especial, tanto por questões emocionais quanto por questões de defasagem no conhecimento matemático.

A preparação das aulas

Quando os professores *eventuais* são avisados antecipadamente sobre as aulas e as turmas em que atuarão e, se essas aulas são de Matemática, verificamos que a maioria deles procura saber qual o conteúdo que os alunos

estão estudando para que possam preparar suas aulas. O livro didático é o principal recurso apontado por eles. Alguns citaram que se preocupam em preparar atividades que possam despertar o interesse dos alunos, como jogos ou questões relacionadas ao cotidiano. Outros se interessam em saber quais as principais dificuldades dos alunos em relação à Matemática para que possam enfatizar tal conteúdo no período em que estiverem atuando. Dessa forma, eles sentem que estariam sendo mais úteis aos alunos e ao mesmo tempo teriam um pouco mais de satisfação com seu trabalho docente.

Algumas considerações

Percebe-se que mesmo diante das diversidades, os professores eventuais procuram desenvolver esquemas práticos para que sua atuação seja importante para os alunos. Por outro lado, faz-se necessário questionarmos a quem interessa a permanência das atuais condições de trabalho do professor *eventual*.

Uma consideração importante é que muitos desses professores *eventuais* que atuam na rede pública de ensino serão futuros professores efetivos. Acredita-se que muitas dessas práticas mencionadas nesse artigo serão mantidas quando o professor obtiver um cargo efetivo, podendo comprometer os processos de ensino/

aprendizagem dos alunos mediante o conhecimento matemático. Por isso a presente pesquisa merece profundas reflexões para a prática docente de hoje e do amanhã.

Referências Bibliográficas

FIORENTINI *et al.* O Desafio de ser professor de Matemática hoje. In **Anais XI Conferência Interamericana de Educação Matemática**. Blumenau: SBEM, 2003.

GARCIA BLANCO, Maria Mercedes. A formação inicial de professores de Matemática: fundamentos para a definição de um currículo. In FIORENTINI, Dario (Org.). **Formação de Professores de Matemática: explorando novos caminhos com outros olhares**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

GONÇALVES, Jean Piton; GOMES, Kleber. **O Professor Eventual em uma escola pública de Campinas**. Campinas: CEMPEM/Unicamp, 2001. (Monografia de Graduação), 54p.

HARGREAVES, Andy. **Os professores em tempo de mudança: o trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna**. Portugal: MacGraw-Hill, 1998.

HARGREAVES, Andy; EARL, Lorna; MOORE, Shawn & MANNING, Susan. **Aprendendo a mudar: o ensino para além dos conteúdos e da padronização**. Porto Alegre: Artemed, 2002.

